

MULHERES NEGRAS E PODER NA INDÚSTRIA FUMAGEIRA

Luzia Souza Ferreira*
Elizabete Rodrigues da Silva**

Este artigo tem como objetivo evidenciar a trajetória das mulheres negras que ocuparam espaços de poder no âmbito da indústria fumageira na cidade de Cruz das Almas-BA, no período de 1950 a 1990, destacando especialmente as mulheres que ocuparam a presidência do Sindicato da Indústria do Fumo. Dentre elas, evidencia-se a forte presença de Maria Joaquina, uma mulher negra e semi-analfabetizada que fundou o primeiro movimento social desta cidade e sofreu várias formas de repressão nos anos da ditadura. A pesquisa teve como percurso metodológico o acervo documental da empresa Suerdieck, depositado na Faculdade Maria Milza – FAMAM e do Sindicato dos Trabalhadores do Fumo - STIF, bem como, a Fonte Oral, uma metodologia indispensável para trazer à tona as memórias das mulheres negras e trabalhadoras. Desta forma, observou-se que a trajetória das mulheres negras, trabalhadoras da indústria de fumo, foi marcada por uma luta acirrada pela sobrevivência material, bem como, pelos espaços de poder, minando a invisibilidade social e política a que eram submetidas no contexto das relações sociais de gênero, raça e classe daquele contexto.

Palavras-chave: Mulher Negra. Trabalho. Poder.

This article aims to show the trajectory of Black women who occupied positions of Power within the tobacco industry in the city of Cruz das Almas, Bahia, in the period 1950 to 1990 with particular emphasis on women who occupied the chair of the Industry Union tobacco. Among them, highlights the strong presence Maria Joaquina, a black women and semi-analfabetizada who founded the first social movement of this city and suffered various forms of repression during the years of dictatorship. The research was methodological course documental company Suerdieck deposited Milze Mary College – FAMAM and Tobacco Workers Union – STIF, as well as the oral source, an indispensable method to elicit memories of black women and workers. Thus, it was observed that the trajectory of blackwomen, workers in the tobacco industry was marked by a bitter struggle for material survival, as well as the spaces of power, undermining the social and political invisibility that were submitted in the context of social relations of gender, race and class that context.

Keywords: Black Women. Work. Power.

INTRODUÇÃO

O trabalho e o lugar das mulheres trabalhadoras da indústria fumageira do Recôncavo Baiano, no período de 1950 a 1990, se explica a partir da compreensão de um contexto mais amplo que remonta à história do trabalho no Brasil e as várias formas de ocupações assumidas – ou forçadas a assumir – pelas mulheres negras durante o sistema escravista e que traz as suas reminiscências até os dias atuais, no que tange aos espaços de trabalho e de poder ocupados por mulheres negras.

Nesta perspectiva, observa-se, inicialmente, uma historiografia que avança para a história dos excluídos e suas lutas por ocupar seus espaços, pois são produções que oferecem elementos para se compreender

as novas temáticas que podem ser, dentre tantas que a história vista de baixo contemplam, o lugar das mulheres negras e trabalhadoras. (BURKE, 1992). Ainda, para refletir sobre a vida dessas mulheres trabalhadoras, toma-se a concepção de Eduard Thompson (1989), ao afirmar que “a formação social e cultural que pode ser estudada quando eles [operários] mesmos operam um considerável processo histórico”. E, neste caso, dado o significativo contingente da mão-de-obra feminina, considerada a força motriz que impulsionava a economia e a cultura da região fumageira, as trabalhadoras se inscrevem na história.

Rachel Soihet (1992) escreve sobre a grande reviravolta na história, pois nas últimas décadas vários grupos se interessaram pela temática dos excluídos, destacando também os estudos sobre as mulheres.

*Especialista em História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena (Faculdade Maria Milza-BA); Diretora do Departamento de Políticas para as Mulheres do Município de Cruz das Almas – BA. E-mail: d.lulu12@hotmail.com.

**Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (Universidade Federal da Bahia); Professora da Faculdade Maria Milza- BA; E-mail: historiafamam@hotmail.com.

Esta autora ainda afirma que “as mulheres são elevadas à condição de objeto e de sujeito da história isto porque as mulheres têm constantemente, através da história cultural e social, encontrado novo campo do seu desenvolvimento”. (SOIHET, 1992).

Assim, as motivações para a realização da pesquisa partiram da necessidade de discutir a presença das mulheres negras no espaço fabril fumageiro e a sua atuação nos espaços de poder na indústria do fumo na cidade de Cruz das Almas, lugar onde, por um longo período de tempo, foi o maior produtor de fumo do Recôncavo. Também, chama à atenção neste contexto a presença de uma mão de obra especificamente feminina, enquanto o comando do trabalho se encontrava em mãos masculinas.

As fontes históricas que permitem evidenciar parte da história das mulheres fumageiras são as fontes orais que, por sua vez, possibilitam o contato direto com os sujeitos e objeto. As fontes escritas e impressas, como as fichas de registro de empregados da fábrica Suerdieck de Cruz das Almas, que se encontram no acervo da Faculdade Maria Milza (Centro de Documentação e Memória - CEDOC), permitem compreender as relações de trabalho, inclusive os processos de admissão e demissão do trabalho, o sistema de contratação temporária, o quesito raça/cor, onde percebe-se nitidamente a grande quantidade de mulheres negras através de suas fotografias nos livros de registro. Outra fonte que ofereceu dados significativos foram as Fichas de Filiação do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Fumo.

O período pesquisado parte da década de 1950, quando a indústria fumageira no Recôncavo começa a se reestruturar após os problemas enfrentados com a Segunda Guerra Mundial até a década de 1990, quando encerra suas atividades em Cruz das Almas. Apesar de Blay (1978) afirmar que a partir da década de 1950 começa a ocorrer um processo de declínio da incorporação das mulheres no setor de atividades industriais no Brasil, chegando em 1970 com apenas 10,5% das mulheres integradas, na indústria fumageira pode-se fazer uma leitura diferente em função de sua especificidade quanto à predominância da mão de obra das mulheres, explicada pelo estereótipo da sensibilidade feminina em executar trabalhos manuais e/ou artesanais. Por outro lado, é nesse período que as mulheres já se encontram inserida nos movimentos sindicais e lutam por direitos adquiridos, como, por exemplo, em 1986 a fábrica Suerdieck ameaça encerrar suas atividades e mais uma vez são as mulheres que tomam as rédeas da situação e vão até Brasília, capital do país, solicitando uma posição do governo federal para que 400 mães de família não ficassem desempregas. Esse período de quatro décadas dá uma dimensão de como as mulheres atuaram dentro e fora dos estabelecimentos da indústria fumageira.

Desta forma, a preocupação que norteia esta pesquisa se expressa a partir de alguns questionamentos que apontam para as mudanças e permanências na história das mulheres negras trabalhadoras da indústria fumageira no Recôncavo. Refletir brevemente sobre essas mulheres trabalhadoras exige questionar o seguinte: Como as trabalhadoras, enquanto mulheres e negras, ocuparam ou construíram espaços de atuação de poder na indústria fumageira do Recôncavo? Nesta perspectiva, é que esta pesquisa caminhou para buscar compreender parte da trajetória de mulheres negras no trabalho e nos espaços de poder dentro da indústria fumageira da cidade de Cruz das Almas, no período supracitado.

MULHERES NEGRAS: BREVE PERFIL DE UMA TRAJETÓRIA

O Brasil, que se favoreceu do trabalho escravo ao longo de mais de três séculos, colocou à margem o seu principal agente construtor – negros e negras, estes que passaram a viver na miséria, sem trabalho, sem possibilidade de sobrevivência e condições dignas de vida. Com o incentivo do governo brasileiro à imigração estrangeira e à tentativa de extirpar os negros e as negras da sociedade brasileira, aprendemos a conhecer a África por meio dos marcos da história européia. No recorte metodológico que se denomina como pré-história, o continente Africano aparece como o local onde viveram nossos primeiros antepassados; na Idade Antiga, surge como o berço da civilização egípcia. Por fim, só reaparece a partir do século XV, como um apêndice do mundo moderno europeu. (NOGUEIRA, 2001).

A África, porém, tem uma história para contar e nós temos Áfricas a conhecer. E é por meio da tradição oral e de outros olhares sobre a documentação escrita e iconográfica que os historiadores tentam, hoje, reconstruir os fragmentos da memória desse continente tão dilacerado pelo intenso tráfico de escravos e pela partilha colonial. Uma história que explica grande parte da história do Brasil e, por conseguinte, do povo negro, inclusive os trabalhadores e trabalhadoras da indústria fumageira.

A história da construção do Brasil se confunde com a história dos trabalhadores negros e das trabalhadoras negras que aqui chegaram e aqui permaneceram. Segundo Maria Nilza (1999), em seu artigo “Mulheres Negras”, ao longo da história a mulher negra foi a “espinha dorsal” da família que, muitas vezes, constituía-se dela mesma e dos filhos. Quando havia o companheiro, especialmente no período pós-abolição, este significava para aquelas mulheres apenas alguém a mais para ser sustentado.

O trabalho escravo no Brasil passou desde a agri-

cultura pesada nos canaviais, nas roças de fumo, nos cafezais, na lavoura de subsistência, à mineração, ao doméstico (trabalhadores na casa grande) até ao trabalho de ganho, sendo assim essenciais para a manutenção da economia. Em todos esses espaços, as mulheres negras participaram com seu trabalho de amas de leite, cuidadoras, conzinheiras, ganhadeiras, além de muitas outras formas. Nessa situação, uma escrava poderia vender “doce de tabuleiro”, realizar o transporte de cargas e pessoas, cuidar de um estabelecimento comercial ou fabricar utensílios e quitutes que, geralmente, o seu dono ficava com a maior parte dos lucros obtidos ao longo do dia. A parcela destinada a escrava poderia ser utilizada para alimentação, vestuário e, até mesmo, para a compra de sua alforria. (SOARES, 2007).

Em outros casos também se pode assinalar a existência das chamadas “escravas de aluguel”. Geralmente, um senhor que passava por dificuldades financeiras ou não tinha meios para explorar todo o seu plantel acabava cedendo parte de suas “peças” para um terceiro, que em troca lhe recompensava com uma quantidade de dinheiro. A própria administração colonial utilizou desse recurso para empreender a extração de pedras preciosas no século XVIII. (SOARES, 2007).

Estas questões permitem entender outras. Como observa Douglas Cole Libby (2006) quando afirma: “O braço escravo foi tão ou até mais produtivo que o livre e foi utilizado em virtualmente todas as atividades produtivas presente na sociedade escravista, inclusive aquela de cunho industrial.” Com isto pode-se perceber que a habilidade, o conhecimento dos africanos em muito superava os europeus nos artífices e ofícios na sociedade escravista do Brasil Colonial. Libby (2006) descreve a evolução das técnicas agrícolas, a arte da culinária, as fundições de ferro com os artefatos na construção de ferramentas, a habilidade com madeira nas construções navais, o uso da pedra-sabão na fabricação de utensílios de cozinha, tigelas, jarras e variados objetos ornamentais, o trabalho em ouro e prata, o curtume, o trabalho em couro e a tecelagem dos africanos aqui escravizados.

É a partir deste percurso histórico que, nos séculos seguintes, se formou uma massa de trabalhadores livres, tanto para o campo quanto para as cidades, principalmente no Nordeste brasileiro e, em escala menor, o Recôncavo Baiano, este que representou, por muitos anos, grande parcela da economia baiana. E, é na indústria fumageira que a maioria das mulheres negras do Recôncavo vai encontrar espaço para trabalhar e ascender social e economicamente, durante quase todo o século XX.

A partir desse contexto e considerando as variações temporais que favorecem às transformações sociais e culturais, faz-se necessário identificar os lugares ocupados pelas mulheres trabalhadoras da indústria fumageira do Recôncavo Baiano. Para tanto, Silva

(2011) traz uma discussão dos traços étnicos raciais dos povos do Recôncavo onde a composição desse quadro social e cultural da população fumageira, na segunda metade do século XX, é a herdeira máxima da junção de ameríndios, negros e europeus, o que faz uma miscigenação muito própria do Recôncavo Baiano. Ela ainda afirma que a presença da população negra no Recôncavo está relacionada à escravidão africana que desde a colonização até o final do século XIX, apresentava a maior concentração do Estado da Bahia. (SILVA, 2011). Essa composição étnico-racial, apesar das oscilações no tempo, permanece formando o grande contingente de trabalhadoras negras na indústria fumageira no Recôncavo.

No universo de 900 fichas analisadas, dispostas em 09 livros de registro de associados do Sindicato dos trabalhadores do fumo em Cruz das Almas observa-se pelas fotografias que a maioria é de mulheres e mulheres negras. Embora o registro da cor tenha passado pelo olhar e concepção do funcionário que preencheu a ficha naquele momento, o que favorece a um resultado, relativamente, diferente, mas que não altera a estrutura do perfil étnico-racial dos trabalhadores e trabalhadoras. Tomando como parâmetro os livros de número 08 e 09 datados de 1953 a 1954, respectivamente, tem-se uma amostra dos quesitos cor e sexo, conforme se observa nas Tabelas abaixo.

Tabela 1 - Quesito Cor

Cor	Homem	Mulher	Total
Preta	09	47	56
Parda	05	25	30
Branca	00	04	04
Outra	04	06	10
Total	18	82	100

FONTE: Livro nº 08 de Registro de associados do Sindicato dos Trabalhadores do Fumo, 1953.

Tabela 2 - Quesito Cor

Cor	Homem	Mulher	Total
Preta	09	37	46
Parda	13	36	49
Branca	03	01	04
Outra	00	01	01
Total	25	75	100

FONTE: Livro nº 09 de Registro de associados do Sindicato dos Trabalhadores do Fumo, 1954.

Além da evidencia da “cor preta” nas Fichas de Registros de Associados do Sindicato, as tabelas evidenciam a predominância do sexo feminino no trabalho fabril fumageiro, constituindo um campo fértil para uma futura discussão sobre as relações de gênero nesses

espaços. Assim, partindo da premissa de que as mulheres formavam um contingente maior que os homens, pergunta-se, então, por que somente 03 mulheres chegaram ao espaço de presidência do sindicato? Neste caso, especificamente, a explicação poderá se encontrar nas relações sociais de gênero que, a partir das diferenças biológicas, norteiam as desigualdades de gênero, tornando as mulheres vulneráveis e sujeitas à exclusão social que se dá no âmbito do trabalho, da classe, da cultura, da raça e da geração.

A AÇÃO DAS MULHERES TRABALHADORAS NOS ESPAÇOS FABRIS

Quando Cristina Bruschini (2000) discute **Trabalho e Gênero – Mudanças, permanências e desafios**, vemos claramente os desafios, mesmo em contextos diferentes no tempo e no espaço, podemos fazer uma correlação para compreender os desafios na hierarquia e poder das mulheres da indústria fumageira, para comandar um setor ou vários setores dessa indústria, setores esses que no armazém se tratava das bancas de capas, salão de escolhas e o salão das camas de fumo. Nas fábricas, os principais setores eram salão de capas, charutaria e o anelamento, departamentos distintos comandados por contramestre ou contramestra e no geral mestres ou mestras. A essas pessoas era dado o poder de decidir quem trabalhava naquela safra ou não, quem exercia tal função ou não, dentro das empresas eram os/as mestres/as que decidiam a vida daquele/a trabalhador/a.

Um exemplo era D. Maria Lúcia Oliveira, conhecida como Cinha, mulher negra, mãe de sete filhos sendo cinco mulheres e 02 homens, solteira, chefe de família que com maestria conduzia o contingente de duzentas mulheres ou mais no período de grandes safras no armazém de seu Edgar, localizado na Praça Geraldo Suerdieck. Neste caso, ao entrevistar mulheres que trabalharam com ela, percebeu-se que o poder dado a ela não a desumanizou e não a fez ser tirana.

Ela era muito boa com agente, quando um filho nosso adoecia ela entendia, pois ela também era mãe, diferente do contra mestre Y (preferiu omitir o nome), aí ela dizia: adianta a tarefa e vai ver teu filho. (JOSELINA DA SILVA SANTOS, 2011).

Quando Joselina diz: “ela não se desumanizou” dá a entender que ela era sensível ao sofrimento e a dor de outra mãe que saía para trabalhar e deixava seu filho doente. D. Maria Bernadete ainda enfatiza:

Cinha foi uma grande amiga das mulheres e todos que trabalhava com ela, podia ser homem podia ser mulher, ela entendia todo mundo. Quando tinha uma mulher passando dificul-

dade ela fazia rifa, fazia caixa para arrecadar dinheiro para essa pessoa resolver o problema que a afligia, era muito boa, boa mesmo. (MARIA BERNADETE PEREIRA RODRIGUES, 2011).

Assim, esse espaço não deixa de ser um espaço político, que segundo Foucault as relações de poder entre os indivíduos é algo que se exerce em rede, não existe um agente centralizador, esse poder pode ser do micro ou do macro. As mulheres da indústria fumageira que ocuparam esses espaços sabiam como ninguém exercer o poder fosse ele micro ou macro, estando no comando ou na subalternidade.

As empresas eram da mesma forma, avaliadas pelas mulheres e, segundo seus interesses, elas podiam ter um conceito positivo ou negativo. Em entrevista com dona Raimunda ela diz:

Armazém bom de trabalhar foi o de seu Jorge Almeida, lá era muito bom, o mestre era homem, o nome dele era Nelson, dava vez agente mulher, pra tomar conta das bancas de capa, da escolha e com isso ficava mais fácil, eu mesma tomei conta da escolha muitas vezes e o trabalho saia melhor porque todo mundo era companheira, companheira mesmo de uma ser pela outra, fosse no que fosse. Tinha Neuza no escritório era boa demais, no dia de pagamento ela chamava uma por uma pra receber o dinheiro e tratava agente muito bem, não esqueço dela. (Raimunda Souza, 2011).

Com isso dona Raimunda afirma que era bem mais harmonioso o processo de relações de poder entre elas, de modo que o companheirismo fazia a coisa fluir de forma melhor. Entre as décadas de 70 e 80, a Suerdieck esteve sob o comando do Grupo Alemão Melita. Dona Vera Lúcia se lembra desse tempo com certa nostalgia.

Foi um período bom quando era com a Melita, gente boa aquele pessoal, não que os daqui fosse ruim não, não, mas quando eles tomaram conta da Suerdieck foi bom pra gente sim! Agente passou a ter merenda que eles davam, de oito e meia a nove horas agente ia tomar leite e comer pão, todo santo dia, era bom, pois agente até levava pra casa, eu mesmo tomava um pouco e botava o outro no quente frio (garrafa térmica) pra levar pra meus filhos (respira fundo), pois em casa não tinha. O mestre não queria que agente levasse pra casa, era pra tomar lá, mas agente dava um jeito, levava escondido. Agente dava um jeito, pelos nossos filhos agente faz tudo não é? (VERALÚCIA, 2009).

Resistência sutil, também era uma atitude consciente e presente nas ações das mulheres fumageiras, nesse momento elas exerciam o poder por está numa posição de subalternidade o que não a impedia de levar o leite pra casa. Conforme Silva (2001):

Embora fosse na sutileza dessa obediência que residia a sabedoria política da charuteira, ou seja, obedecer não significava recuar, deixar-se dominar ou acomodar-se, mas aprender a conviver habilmente com a "inevitável" dominação daquela circunstância para atingir o seu objetivo que era manter-se no trabalho. (SILVA, 2001).

Na fala de dona Vera Lúcia acima, é possível perceber que muitas vezes se burlava a lei imposta dentro desses estabelecimentos, como por exemplo, levar qualquer coisa que fosse oferecida pela empresa sem a autorização dos chefes, nesse sentido essas mulheres exerciam o poder de burlar a ordem expedida, essa estratégia era comum entre elas, desta forma era proibido levar para casa o leite que a empresa fornecia aos trabalhadores, mas para D. Vera Lúcia tomar o leite ali e não ter em casa para seus filhos soava como incoerente e ela ainda acentua;

Como é que eu adulta tomava leite e meus filhos que era pequeno não tomava! Não tava certo. Tinha vez que eu levava o café no quente frio aí eu tomava o café e botava o leite no lugar, nem dava pra desconfiar. (VERALÚCIA, 2009).

Burlar a lei imposta dentro dessas empresas parecia fácil para elas. Não era permitido conversar nas bancas, mas isto não quer dizer que elas se mantinham caladas, obedientes à toda e qualquer norma estabelecida. Dona Maria de Lourdes conta que:

Não era pra nós conversarmos de jeito nenhum, pois eles achavam que atrapalhava na tarefa, mas quem ia aguentar ficar calada o dia todo, agente não era animal, agente conversava baixinho com a cabeça baixa, quando eles estavam por perto agente ficava calada, tinha mulher que de pirraça cantava e tudo. Ah! Agente contava até novela, mas eles não viam ou fingia que não via. Mas de vez em quando tinha um zunzum danado, aí era cada bronca que agente tomava que ficava até com vergonha (...). (MARIADÉ LOURDES, 2009).

A "bronca" tomada não as impedia de conversar, nessa rede fazia valer o poder de não se calar, mas burlar o sistema macro do empregador. Diante deste contexto, foi possível perceber que os espaços de trabalho não são apenas preenchidos com as atividades meramente técnicas, além destas a trama cotidiana se encarrega de preencher, historicamente, os espaços e o tempo com os interesses, principalmente os das classes, de uma forma muito peculiar elas exerciam o poder de ir contra o que era (pré) estabelecido. Assim, a história das mulheres negras fumageiras, a partir de seus espaços de trabalho, também, permite vislumbrar parte da história da região do Recôncavo, àquela ligada à cultura e indústria do fumo e, especificamente, a história das mulheres negras no trabalho e espaços de poder.

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do

Fumo de Cruz das Almas era e é uma entidade que representava e representa os/as trabalhadores/as da indústria fumageira também das cidades circunvizinhas como Sapeaçu, Baixa de Palmeira, Castro Alves, São Felipe, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Muritiba entre outras. Fundado em 5 de julho de 1942 e reconhecido pelo decreto-lei n. 1402, de 5 de julho de 1949. Sede própria inaugurada em 22/12/1968, Travessa Cícero Nazareno n.º 57, Cruz das Almas-Ba.

O Sindicato dos/as trabalhadores/as da Indústria do Fumo da cidade de Cruz das Almas, entidade pesquisada onde encontramos mulheres negras no exercício do poder. A pesquisa feita no livro número um (01) do registro de chapas para composição da diretoria do Sindicato dos trabalhadores da Indústria do fumo, permite uma análise de classe, gênero e raça. Os registros encontrados estão datados de 1949 e tem em sua composição apenas 63 mulheres fazendo parte da diretoria do sindicato onde somente três ocuparam o lugar de presidente, as demais ocupavam lugares de secretária, suplentes conselhos fiscais e tesoureiras.

Não cabe aqui uma discussão de classe, mas identificar as mulheres que ocuparam esse espaço de poder e em especial a mulher negra. No contexto fumageiro onde a divisão sexual do trabalho se dava com ênfase bem maior que outros seguimentos, vale destacar as mulheres negras que em sua maioria formavam a população operária dessa indústria e que foram não só mestras e contramestras, mas presidentes de Sindicatos assim como suas respectivas suplentes. Uma chapa para composição de diretoria era composta por Presidente, Secretária/o, Tesoureira/a e Conselheira/o fiscal.

No livro número 01 (um) de registro de chapas para candidatas/os a diretoria não apenas constava a composição das chapas, mas também o registro da chapa vencedora daquele pleito. Essa constatação permite analisar que diante da quantidade de mulheres filiadas ao sindicato dos trabalhadores da indústria do fumo de Cruz das Almas, a participação e atuação das mesmas não chegaram a 6% das trabalhadoras. A composição de 1962 mostra a chapa vencedora somente de mulheres e a participação dessas mulheres no movimento sindical, embora sendo reduzida, não intimidava a fazer uso do poder em prol das companheiras. No livro de ata do dia 03 de julho de 1966, na página 35, relata que quando uma companheira reclama da empresa que está exigindo uma quantidade maior de charutos para a tarefa, ela convoca a todos para não se renderem ao empregador, fazendo-se presentes no dia da reunião cento e um associados.

Quando um livro de ata deixa transcrito em seus autos situações como esta, significa que essas mulheres exerciam não só o direito que possuíam, mas o poder para se confrontar ao patrão. "Não havia tarefa, agora exigiram, e nem servente tem para ir buscar os

paus de charutos, e eu não vou pegar nenhum, eles tem que dá um jeito”. São palavras de Maria Joaquina reforçadas pela companheira Albertina França. Essa fala revela a forma de exploração aplicada às trabalhadoras, no sistema de produção e a reação delas à situação.

A chapa vencedora de 1978 tem como presidente outra mulher negra e que permanece no sindicato por cinco gestões, Benedita Souza Salomão. Ela é mulata, tipo cabocla, semi analfabeta, tímida por natureza, mas firme em suas decisões, trabalhou toda sua vida na fábrica de charutos Suerdieck, dedicou a maior parte dela ao Sindicato e à luta por suas companheiras, foi

presidente, secretária, suplente, conselheira e ainda foi juíza classista junto a Justiça do trabalho representando as operárias.

Como presidente do Sindicato, Benedita Souza Salomão, em 1978 traz consideráveis melhorias para a classe. Para a sede do sindicato ela contrata médicos na área de clinica geral, dentistas; cria toda uma estrutura para acolhimento e atendimento aos associados, cede o espaço permitindo o funcionamento de uma escola para o ensino fundamental I, não só para filhos de associados, mas também para a comunidade do entorno.

Quadro 1 - Chapa da Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Fumo, 1962

CARGO/FUNÇÃO	NOME
Presidente	Marieta Costa Borges
Secretária	Benedita Souza Salomão
1ª Tesoureira	Albertina França
2ª Tesoureira	Eufrásia Brandão Braga
Suplente da diretoria	Inês Caldas Peixoto
Conselho fiscal	Maria Joaquina Souza
	Rosinel Silva Lôbo
	Maria Luiza Boaventura
Suplente do Conselho Fiscal	Rosalina Lopes Santos
	Aládia Borges da Silva

FONTE: Livro 1 de registro de chapas para diretoria do Sindicato dos Trabalhadores do Fumo de Cruz das Almas

Quadro 2 - Chapa de Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Fumo, 1978

Presidente	Benedita Souza Salomão
Secretária	Neusa Pereira da Silva
Suplente diretoria	Claudia Oliveira Souza
Conselho fiscal	Antônia Oliveira Cruz
	Maria Aurea Oliveira Cruz
Suplente Conselho Fiscal	Maria Luiza Boaventura
	Nilza Maria Pereira Silva

FONTE: Livro 1 de registro de chapas para diretoria do Sindicato dos Trabalhadores do Fumo de Cruz das Almas

Quadro 3 - Chapa de Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Fumo, 1993

Presidente	Josenita Souza Salomão
Suplente da diretoria	Maria Bernadete Rebouças Salomão
	Ana Lúcia da Conceição Silveira
Conselho Fiscal	Valdete Passos Batista
	Maria Sonia dos Santos Cruz
Suplente conselho fiscal	Rita Maria dos Santos
	Raimunda Cerqueira de Souza
	Maria da Conceição Trindade

Fonte: Livro 1 de registro de chapas para diretoria do Sindicato dos Trabalhadores do Fumo de Cruz das Almas

Em 1993, o Sindicato dos trabalhadores do fumo chega a sua terceira gestão presidida por uma mulher negra, e ativamente politizada dentro dessa dinâmica das lideranças sindicais. Sobrinha da ex-presidente Benedita Souza Salomão, Josenita Souza Salomão ocupa o cargo de presidente deixado por sua tia que se encontrava doente não podendo mais concorrer. Em 1993 a indústria fumageira do Recôncavo passa por uma reestruturação do trabalho e com isso alguns armazéns voltam a produzir e o sindicato, que segundo Josenita, tem em seu quadro quase cinco mil associados, porém não perdura e o declínio vem de forma voraz, de modo que no início de século XXI essa indústria sucumbe às altas taxas de impostos, e as propagandas que falam do malefício que o tabagismo provoca. Desde então, o Sindicato continua com atividades limitadas, são poucos os armazéns que ainda funcionam com o mínimo de trabalhadores e as grandes fábricas fecharam definitivamente.

MARIA JOAQUINA: A VISIBILIDADE DE UMA MULHER NEGRA

Falar em mulher negra na indústria fumageira exercendo certas formas de poder sem falar de Maria Joaquina da Conceição seria deixar uma lacuna aberta. Nascida na cidade de Cruz das Almas, Maria Joaquina da Conceição, nascida em 07 de agosto de 1920, mãe de nove filhos, avó de 41 netos, 50 bisnetos e 03 tataranetos. Segundo sua filha Jussara, ela estudou até 3ª série do antigo primário, teve seu primeiro filho aos 16 anos de idade, e teve que ir trabalhar para sustentar a família.

A luta de Maria Joaquina começou na antiga fábrica de Charutos Suerdieck, local onde trabalhou até se aposentar, o que não a retirou da luta, pois em 1986 quando a Fábrica Suerdieck estava para fechar as operárias recorreram a ela, pois tinha uma grande influência no meio político, para mediar e ver o que seria possível ser feito para impedir tamanha catástrofe, pois se tratava de quinhentos empregos diretos, na fábrica de Cruz das Almas, uma vez que a fábrica de Maragogipe já havia encerrado suas atividades, seriam mais de quatrocentas mães de família desempregadas, uma vez que o declínio da indústria fumageira já se encontrava em andamento.

Falar de Maria Joaquina é falar de trabalho, resistência, movimento social e trazer um pouco da história da África e de mulheres negras. Sempre preocupada com o bem-estar de todas as companheiras operárias, reivindicava os direitos das trabalhadoras e se envolvia nas questões entre patrões e empregados, o que lembra Luiza Mahim em sua trajetória ao comandar a Revolta dos Malês em Salvador no século XIX. Diante das grandes injustiças e situação precária das compa-

nheiras que não conseguiam emprego nas empresas enfiadoras (armazéns de fumo), Maria Joaquina decidiu fundar uma associação chamada CLUBE DAS MÃES em parceria com amigas e amigos operários (os) que estavam na ativa, a exemplo de Maria Conceição (Lozinha), Maria Benedita, Marieta Costa então presidente do sindicato, Maria Helena Rodrigues, Hélio Pitanga e alguns estudantes da Escola de Agronomia que admiravam a sua luta e coragem. Esse foi um período conturbado na década de 1960. Nasce aí o primeiro movimento social de mulheres na cidade de Cruz das Almas. A implantação da associação trouxe benefícios para várias mulheres, que juntas conseguiram máquinas para os cursos de corte e costura, datilografia, as aulas aconteciam na Sociedade Euterpe Filarmônica. Além disso, eram doados às mães pobres, gêneros alimentícios como leite, arroz e feijão. Vale lembrar que elas faziam doações e recebiam doações.

Maria Joaquina foi uma mulher e tanto, não suportava injustiça, ela ficava comovida quando via as mulheres e as crianças com trouxas de fumo na cabeça para levar pra fazer o serviço em casa, pelo meio da rua, nos passeios das casas perto dos armazéns, fazia dó! E brigava com os donos de armazéns porque não dava trabalho às mulheres dentro das empresas, ela sabia que era pra não pagar a carteira, e aí o pau quebrava. Ela não tinha medo, os enfrentava. (MARIA CONCEIÇÃO- LOZINHA, 2011).

Maria Joaquina foi uma líder nata, participou ativamente do Sindicato dos Trabalhadores do Fumo, mesmo não ocupando nenhuma cadeira dentro da instituição. Segundo sua filha Jussara, defendia as causas operárias, brigava pelos direitos das mulheres, nas questões de aumento de tarefas (produção) de charutos, questões de saúde, questões de emprego com carteira assinada e todos direitos trabalhistas, dentre outros. Vale lembrar que Maria Joaquina da Conceição nunca esteve no espaço de poder do Sindicato dos trabalhadores do fumo, mas fazia valer esse poder de militante de movimento social e conhecedora dos direitos adquiridos pelas leis trabalhistas e pela constituição. Maria Joaquina sofreu com a repressão no período da Ditadura Militar, foi apontada como subversiva, teve sua casa invadida pelos militares, chegou a ser presa, precisou se esconder, mas não desistiu da luta.

(...) Minha filha entraram lá na nossa casa uma meio dia, ela veio da Suerdieck, quando chegou lá tenente Romualdo com um policiais pra ver se tinham alguma coisa lá... aí desmancharam a associação e aí foi uma perseguição muito grande com ela, Maria Benedita que era companheira dela, e outras pessoas que era pobre e tava no meio desse pessoal defendendo e eles acharam que por baixo de tudo isso tinha alguma coisa mais forte, e aí minha filha foi uma perseguição muito grande (...). (JUSSARA, 2011).

Maria Joaquina continuou sua militância pela justiça social com suas companheiras. Foi uma mulher à frente do seu tempo, sindicalizada, politizada, nunca pleiteou um cargo dentro do sindicato, muito menos político, porém sentava-se a mesa de negociação com os empregadores e, na maioria das vezes, saía vitoriosa em suas reivindicações. Foi juíza classista, a favor dos empregados em 1974, função exercida na Justiça do Trabalho, para fazer as negociações das rescisões trabalhistas quando um empregado ou empregada era demitido, sem justa causa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste artigo foi tentar revelar alguns aspectos das mulheres negras que estiveram nos espaços de poder da indústria fumageira da cidade de Cruz das Almas e a forma como conduziram essa performance, seja na presidência do sindicato, seja na subalternidade. Enfrentando, no dia a dia, as condições adversas, inclusive àquelas inerentes às relações de gênero, de raça e de classe, algumas mulheres trabalhadoras conseguiram, nesse universo fabril, sair da invisibilidade a que eram submetidas.

As mulheres negras trabalhadoras da indústria do fumo, por muitas vezes burlaram as leis impostas pelo patronato exercendo assim o micro poder que Foucault discute tão bem. Os espaços de poder conquistados foi fruto de uma força própria da ancestralidade herdada por mulheres negras africanas.

O espaço do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Fumo, embora de conotação tão desigual, foi de grande relevância para essas mulheres, ali elas conseguiram evidenciar o poder que as mulheres organizadas podiam ter. Embora, possa se afirmar que em função da construção dos estereótipos de gênero, que ofereciam as bases para a divisão sexual do trabalho, das 18 eleições, somente em 03 as mulheres chegaram ao poder.

Assim, pode-se constatar que as rupturas e as permanências ainda são fortes dentro dessa dinâmica. Maria Joaquina, mulher negra e fumageira, que também conquistou seu espaço político dentro desse contexto, num período conturbado como foi a Ditadura Militar e diante de toda repressão a que foi submetida, não fugiu da luta e enfrentou, politicamente, o poder instituído em nome de suas companheiras. Portanto, escrever parte da história das mulheres trabalhadoras da indústria fumageira, considerando sua atuação frente ao poder estabelecido, no sentido de burlar as reações ou de lutar pelos seus direitos e de suas companheiras é tirar-lhes da invisibilidade histórica e da situação de vítima apenas, a que são muitas vezes vistas. É fazê-las existir com dignidade a partir dos espaços de trabalho e político em que atuou para sobreviver e viver.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, E., GENTILI, P. (Org.). **Pósneoliberalismo – As políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ASEVEDO, Doroty do Rego: **O Trabalho Feminino na Agro-indústria Fumageira no Estado da Bahia**. Dissertação de Mestrado UFBA. Salvador-Ba 1975.

BAER, Werner. **A economia Brasileira**. 2ª Ed. Revisada. São Paulo: 2002.

BLAY, Eva Alterman. **Trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista**. São Paulo: Ed. Ática, 1978.

BURKE, Peter. (org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo, UNESP 1992.

BRUSCHINI, Cristina. Gênero e Trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil, 1985-95). In: ROCHA, Maria I. B. da. (org.) **Trabalho e Gênero – Mudanças, permanências e desafios**. Editora 34/ABEP/NEPO-UNICAMP/CEDEPLAR-UFMG, 2000, pp.13-18.

_____ e LOMBARDI, M. R. "**Instruídas e trabalhadeiras**: trabalho feminino no final do século XX". In: ARAÚJO, A. M. C. "Desafios da equidade". *Cadernos Pagu*. (número especial). Campinas, Pagu/Unicamp, n. 17/18, 2001/02, p. 157-96.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. (Org. e tradução de Roberto Machado). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LIBBY, Douglas Cole, Org.; FURTADO, Júnia Ferreira. **Trabalho Livre, Trabalho Escravo, Brasil Europa, séculos XVIII e XIX**. São Paulo, Annablume, 2006

MOTA, Alda Brito da NETO Zahidé Machado. **Tempo de mulher – Tempo trabalho entre mulheres proletárias em Salvador**. In: SEMINÁRIO SOBRE CAPITALISMO E FORÇA DE TRABALHO, 1, 1983, Salvador. Anais... Salvador UFBA, 1986

NOGUEIRA, João Carlos. **História do Trabalho e dos Trabalhadores Negros no Brasil** (Org.). In. SILVA, Marcos Rodrigues da; LIMA, Márcia. Central Única dos Trabalhadores (CUT) 2001.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. **Fazer charutos: Uma Atividade Feminina**. (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA/FFCH, 2001.

_____. **As Mulheres no Trabalho e o Trabalho das Mulheres**: Um Estudo sobre as mulheres Fumageiras do Recôncavo Baiano (Tese de Doutorado) Salvador UFBA 2011.

SOARES, Cecilia C. Moreira: **Mulher Negra na Bahia**

no **Século XIX**. EDUNEB 2006.

SOIHET, Rachel. **História das Mulheres**. In: CARDOSO, Ciro Flamariom, VAINFAS. Ronald, Domínios da História: Ensaio e Metodologia. 3ª ed. São Paulo, Campus, 1997.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa** vol. III a força dos trabalhadores. Paz e Terra, 2ª ed. São Paulo, 1989.

THOMPSON, Paul (1935-). **A Voz do Passado** - História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FONTE ORAL

Josenita Souza Salomão. 60 anos. Presidente do Sindicato dos Trabalhadores do fumo e Alimentação de Cruz das Almas- Ba. (2011).

Maria Bernadete Pereira, 71 anos. Operária aposentada. Rua 02 caminho D Coplan, Cruz das Almas – Ba. (2011).

Maria Conceição. 86 anos Operária aposentada. Suzana, Cruz das Almas-Ba. (2011).

Maria de Lourdes Sergio Queiroz, 53 anos. Ex-operária

da Fábrica Suerdieck. Travessa da Rua Tiradentes s/n, Bairro D. Rosa, Cruz das Almas – Ba. (2009).

Vera Lúcia Nascimento, 56 anos. Operária aposentada Rua Tiradentes Bairro Dona Rosa. Cruz das Almas-Ba. (2009).

Raimunda Souza, 73 anos. Operária aposentada. Rua Valtércio Barroso Fonseca, 163. Cruz das Almas – Ba. (2009 a 2011).

FONTE ESCRITA

FAMAM. Livros de registro de empregados da Suerdieck. Centro de Documentação e Memória da FAMAM/Cruz das Almas. (2009)

FAMAM. Fichas de Registro de Empregado da Suerdieck. Centro de Documentação e Memória da FAMAM/Cruz das Almas. (2009/2010)

STIFCA. Livros de Registro de Associados do Sindicato de Trabalhadores na Indústria de Fumos de Cruz das Almas. Sindicato dos Trabalhadores de Cruz das Almas. (2011)

STIFCA. Livro de Registro de chapas para candidatos a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Fumo de Cruz das Almas.(2011)